

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Bananeiras

código
AVII - FO3 - Nat

localização
Povoado de Bananeiras - RJ-200

município
Natividade

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado de corte / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Bananeiras

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino - abr 2010**
equipe **Marcelo Salim de Martino, Vitor Caveari Lage e Jean Carlos Rabelo Ferreira**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data
Thalita Fonseca - jul 2010

Seguindo pela BR-356, na direção Itaperuna-Muriaé – RJ e MG –, tem-se acesso à RJ-220 – Rodovia Deputado Luiz Fernando Linhares –, no sentido Natividade, ingressando-se à direita no primeiro trevo que surge.

Dez quilômetros à frente desse ponto está o povoado de Bananeiras, que ainda preserva a antiga estação ferroviária e parte de uma edificação do século XIX (f01 e f02). Após percorrer mais dois quilômetros através de uma estradinha de terra, que passa entre essa estação e uma capela, chega-se à entrada da Fazenda Bananeiras.

A propriedade é banhada pelo Rio Carangola, que é um dos grandes atrativos da fazenda, sobretudo no trecho em que estão localizadas ruínas de uma antiga ponte que fazia a união com a margem oposta do rio (f03).



01



02



03

Prosseguindo no caminho que conduz à sede da fazenda, avistam-se duas casas de colonos (f04); um antigo reservatório de água, mais conhecido por castelo; o pátio para secagem do café (f05); curral (f06); banqueta de terra para transporte da água (f07); e frondosas árvores que margeiam o rio, abrigando maritacas e outros pássaros que encontram nas matas do entorno da fazenda um local seguro para se reproduzirem. A casa-sede fica situada em frente a um extenso gramado, que se estende até o leito do rio (f08).



04



05



06



07



08

O acesso à casa-sede mais utilizado é feito através de uma escada guarnecida por guarda-corpo vazado. Esta escada conduz a uma saleta que estabelece o elo entre a área correspondente à cozinha/despensa e o restante da residência (f09).

O acesso foi transferido para este local em função da modificação do traçado da estrada primitiva: o trecho que se dirigia à entrada principal da casa foi incorporado ao atual jardim (f10) e à aconchegante área utilizada para o lazer da família. Tal estrutura de lazer é composta por piscina (f11), churrasqueira (f12), forno para pizza (f13) e quiosque (f14).



09



11



10



12



13



14

O jardim, muito bem tratado, é cortado por uma banqueta (f15) que transporta água, sendo esta uma das muitas peculiaridades da fazenda. Aí também estão localizados o pomar (f16) – repleto de muitas espécies frutíferas e coqueiros centenários, que são substituídos pelos proprietários sempre que chegam ao final de sua vida útil –, a capela (f17) e o cemitério de animais (f18).

O bloco principal da sede apresenta planta retangular e, conforme atesta fotografia da época (f19), foi o primeiro a ser edificado. Possui dez janelas em guilhotinas de caixilharia de vidro acompanhadas de esquadrias secundárias de venezianas que se abrem para fora (f20), além de uma porta que segue o mesmo estilo (f21). O artifício utilizado para ocultar os aparelhos de ar-condicionado instalados na fachada principal foi a utilização de troncos de coqueiros, cortados a partir da morte natural dessas plantas, dispostos em semicírculos, decorados com bromélias e orquídeas (f22).



15



16



17



18



19



20



21



22

O telhado de duas águas (f23) é arrematado por beiral decorado com mãos francesas simples. O forro de toda a construção é de madeira, com acabamento em pintura nas cores branco e azul colonial – nas duas salas principais, os forros são arrematados com sancas de madeira e de gesso (f24). Todos os cômodos possuem assoalho de madeira, do tipo paralelo (f25), com exceção da sala principal que é do tipo encabeirado (f26), e de uma pequena saleta que é revestida com ladrilho hidráulico (f27).

Logo em seguida, vem a outra parte da construção, de porão alto, edificada dessa forma a fim de evitar alagamentos provocados pelas cheias do Rio Carangola. Esse bloco apresenta cobertura em duas águas, com telhas do tipo capa e canal. Internamente, o telhado foi transformado em sótão (f28), que acabou sendo transformado em uma espécie de reserva técnica da casa, onde ficam depositados móveis, antiguidades e material de uso decorativo, transportados através de um alçapão instalado no forro, ao final do corredor.

As pequenas janelas instaladas no sótão permitem uma vista exuberante da propriedade (f29), e o acesso a ele é realizado por uma escada de madeira, do tipo caracol de mastro (f30).

A casa-sede possui lustres das décadas de 1920/30 (f31) que foram instalados nas salas (f32 e f33) durante as diversas obras de reforma realizadas nos últimos anos, além de uma infinidade de antiguidades acumuladas pela família ou adquiridas pelos atuais proprietários, diferenciando a Fazenda Bananeiras de outras propriedades do município.



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33

Dentre essas antiguidades, destacam-se uma cama e uma cômoda confeccionadas por escravos com madeira extraída da própria fazenda (f34 e f35); uma imagem de São Joaquim, provavelmente do século XIX (f36); o velho piano (f37); um par de consolos em estilo Beranger, com entalhes altos, tampo de mármore ondulado, pernas entalhadas em “CC” opostos (f38); uma bacia; um gomil de prata (f39) e um relógio de pêndulo (f40), transportado para a fazenda em lombo de burro, antes da inauguração da estrada de ferro, que só aconteceu em 1886.

No corpo principal da casa, próximo à sala de jantar (f41), existe uma saleta (f42), antigamente denominada como “talha”, pois era o local onde ficavam depositadas as grandes talhas de cerâmica, ainda preservadas, com a água de beber. Os ladrilhos utilizados nesse cômodo da casa foram adquiridos da Fazenda Travessão quando de sua demolição.



34



35



36



37



38



39



40



41



42

No outro extremo da sala de jantar, há uma pequena escada de madeira com guarda-corpo vazado que estabelece a ligação com a parte mais alta da construção (f43), e cujo estilo, segundo a proprietária, foi inspirado em uma casa histórica de Minas Gerais.

Em outro bloco está situada a grande cozinha – com seu fogão a lenha de estrutura original (f44), primitivas geladeiras de madeira movidas à eletricidade –, além de quatro cômodos. Destacam-se o grande pilão com três almofarizes com tampa (f45) e o antigo caixotão utilizado para armazenar lenha, ambos da época em que a fazenda foi construída.

Na área externa de uso doméstico, há duas varandas cobertas: a primeira, próxima à cozinha, apresenta tanque para lavar louças, banheiro para os empregados e forno a carvão (f46); na segunda (f47), há um grande tanque utilizado para a lavagem de roupas e uma casa de banho que, além de servir para higiene pessoal, é um dos pontos mais pitorescos da casa (f48), pois é servida com água proveniente da barragem, transportada através de uma banquetta.

A capela (ver f17) foi construída recentemente num pequeno bosque, ao lado da antiga estrada e próxima à fachada principal da casa-sede. Possui uma porta encimada pela torre sineira central, ladeada por dois ricos vitrais franceses, adquiridos de antigas construções em estilo eclético (f49 e f50).

Em seu interior, há um único altar, central e introduzido na parede, além de mesa para celebração em mármore (f51). Destacam-se nesse ambiente dois anjos de corpo inteiro e os consolos de madeira em estilo barroco (f52).

Na área aos fundos da capela está instalado um cemitério para animais (ver f18) criado pela proprietária atual, que recolhe cães abandonados nas ruas das cidades próximas à fazenda.



43



45



44



46



47



48



49



50



51



52

Todo o conjunto formado pela casa-sede, capela e áreas externas contíguas à cozinha está em perfeito estado de conservação, devido às obras de manutenção e de restauração empreendidas durante a década de 1980, quando os atuais proprietários adquiriram a fazenda.

Percebe-se que algumas intervenções foram realizadas introduzindo novos materiais, como é o caso dos esteios que originalmente eram de madeira e foram substituídos por pilares de concreto em função da dificuldade de serem encontradas peças de madeira nas mesmas dimensões das originais (f53). Nesse mesmo período, foi realizada uma amarração estrutural com cabos de aço com o objetivo de conferir maior solidez e estabilidade à casa.

É possível visualizar uma pintura parietal nas paredes internas da sala principal (f54), executada anteriormente às sucessivas camadas de tinta que a casa recebeu ao longo dos anos. Trata-se de um barrado em estêncil, junto ao forro, que, além da função decorativa, visava expressar a riqueza e a posição social de seus proprietários. Fato este que lhes atribuía ainda mais distinção e poder na sociedade local.

Muitas obras foram realizadas objetivando maior conforto na utilização dos ambientes originais da casa. Atendendo a essa demanda, foram construídos quatro novos banheiros, sendo um social e os outros três no interior dos quartos, que se transformaram em agradáveis suítes.

Tais intervenções foram executadas de maneira a produzir a menor descaracterização possível: antigas janelas foram utilizadas como biombos e afixadas sobre o piso original de madeira, ocultando assim as instalações dos banheiros. A única exceção coube à área do *box* do chuveiro, que recebeu isolamento de alvenaria junto ao piso (f55).



53

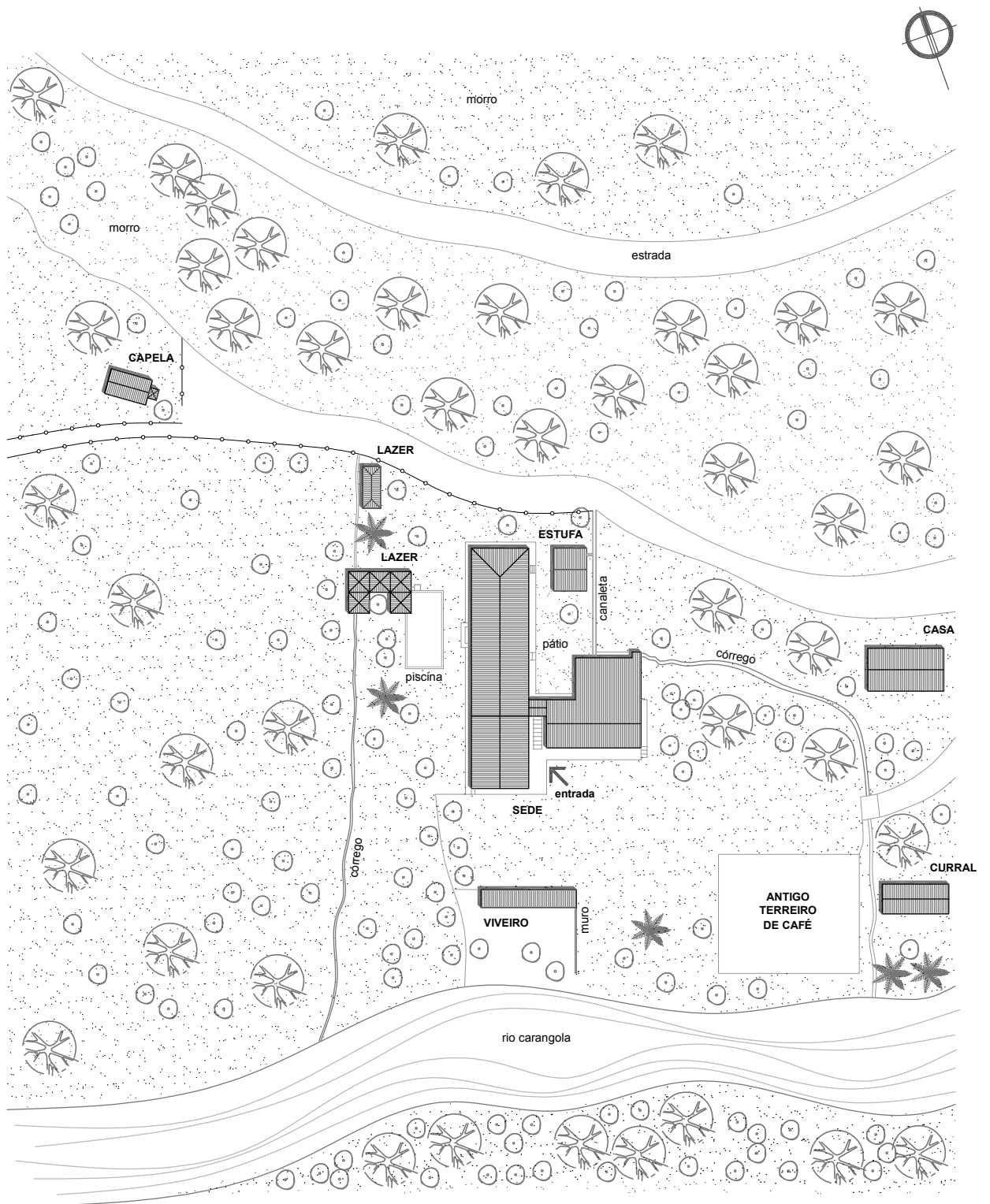


54



55

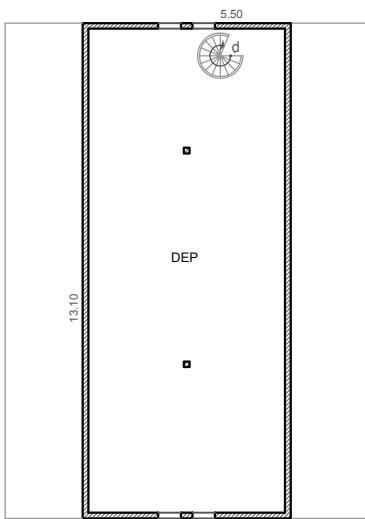
FAZENDA BANANEIRAS



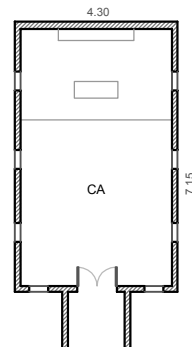
1 Implantação
escala: 1/1000



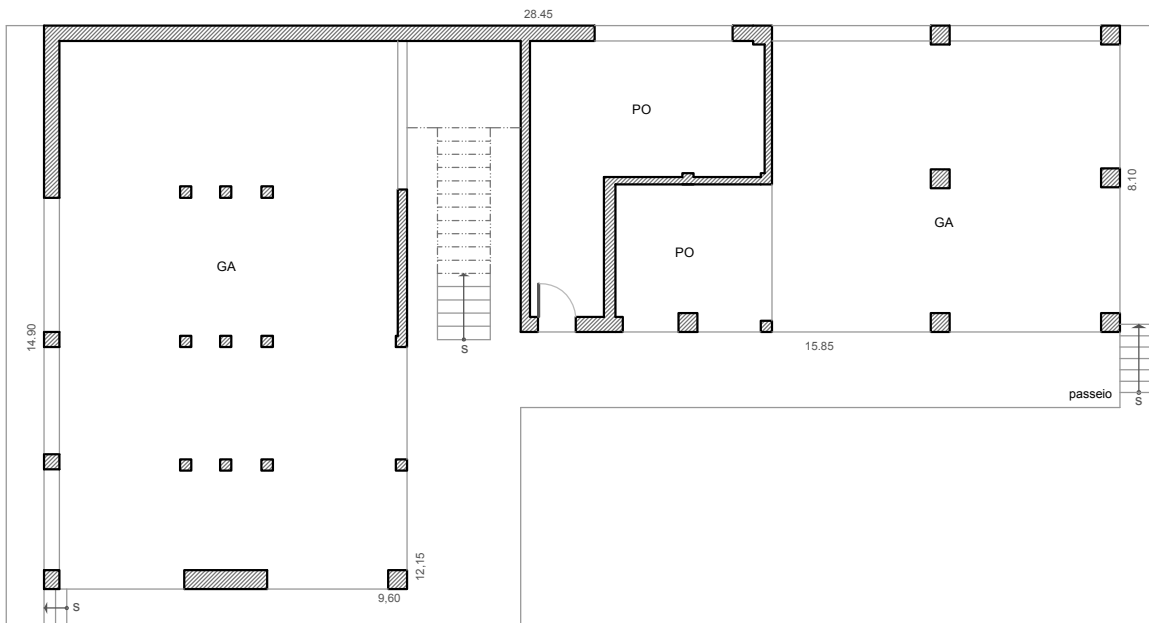
FAZENDA BANANEIRAS



2 Planta Baixa da Sede - Sótão
escala: 1/200



3 Planta Baixa da Capela
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200



CA - capela
DEP - depósito

GA - garagem
PO - porão

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

Segundo a tradição oral, a Fazenda Bananeiras pertencia aos pais de D. Maria Sabina, portugueses que se transferiram para o Rio de Janeiro, onde teriam conseguido junto à Corte um título de propriedade para exploração de terras ao longo do Rio Carangola. A demarcação destas terras teria sido feita com mudas de bananeiras, plantadas de forma agrupada em seus limites, fato este que rendeu à propriedade o sugestivo nome de “Fazenda Bananeiras”, totalizando uma área de dois mil alqueires de terras.

Os antigos contavam ainda que os pais de D. Maria Sabina fizeram amizade com os índios puris, que habitavam a região. Essa amizade foi tão sólida que, tendo o casal dificuldades para engravidar, foram encontrar na credence e na medicina indígena ajuda para a solução de seus problemas, através de rituais e da ingestão de misturas popularmente conhecidas como “garrafadas”. Por coincidência ou não, o casal teve logo depois a sua única filha, à qual deram o nome de Maria Sabina.

Maria Sabina (f56) nasceu em 1834, na Fazenda Bananeiras, e frequentava a aldeia dos índios que ficava na outra margem do rio. Casou-se aos quatorze anos com seu tio, Joaquim Custódio Fernandes (f57), muitos anos mais velho que ela. Esse hábito de esposar parentes era adotado em muitas famílias da época, sobretudo com a finalidade de fazer com que as grandes fortunas permanecessem na família. Contavam os parentes que, por força do hábito, Maria Sabina, após o casamento, continuou se dirigindo ao marido como “tio Joaquim”.

Dessa união nasceram treze filhos: Juca, Joaquim (Quinquim), Pedro, Rodolpho, Antônio (Nico), Paulo, Otávio (Viú), Clotilde, Agatheodora (Gadola), Sarah, Joaquina (Quinha), Maria Francisca (Margarida) e Argeu (Tigeu).

Joaquim Fernandes – que foi juiz de direito e vereador da primeira câmara do município de São José do Avaí, atual Itaperuna, em 1889 – e sua esposa introduziram e desenvolveram a cultura do café na propriedade, junto com a exploração de madeira da Mata Atlântica. A quantidade de café produzido na Fazenda Bananeiras foi tão grande que se fez necessária a construção de uma estação ferroviária em suas terras a fim de conseguir escoar a produção local. Essa estação recebeu o nome de Bananeiras, em torno da qual se formou um pequeno vilarejo. Maria Sabina faleceu em 1917, aos oitenta e três anos, mas, antes disso, a Fazenda Bananeiras já era administrada por um de seus filhos, Antônio Custódio Fernandes dos Santos, o Nico (f58), mais conhecido pelos demais habitantes da região como “Padrinho Nico” ou “Nico da Bananeiras”.

Na fazenda, Nico possuía autoridade total, e em virtude da distância da sede municipal, e também do legado do sistema patriarcal, o proprietário acabava administrando e orientando a vida de todos os agregados, chegando a substituir desde o médico ao juiz de paz. Assim fez até sua morte em 1935.

De acordo com os registros familiares, “Padrinho Nico” foi o melhor administrador que a fazenda já teve, sendo seu maior feito ter mantido a propriedade com os mesmos 2000 alqueires do tempo dos seus avós.

Foi sob sua gestão que a propriedade se tornou autossustentável, comprando de fora apenas o sal. A fazenda mantinha em funcionamento serraria, engenho de açúcar, máquinas para beneficiar café e arroz, alambique, moinho de fubá, instalações para a produção de farinha de mandioca, matadouro, além de sistema próprio para o fornecimento de luz elétrica e um time de futebol. Até mesmo os caixões necessários para os sepultamentos ocorridos na região por ocasião da gripe espanhola foram produzidos na estância.

Todas essas atividades eram movidas à energia hidráulica, proveniente de uma barragem que, segundo consta, teria sido construída pelos escravos em 1845, com pedras retiradas do Rio Carangola (f59).

A esse respeito referiu-se Alberto Lamego Filho (1196:128): *“Bananeiras é uma visão retrospectiva e palpável dos nossos velhos clãs patriarcais. Tudo se ali molda a costumes de tempos decorridos. A fazenda basta-se a si mesma. Como nos primeiros latifúndios, quase poder-se-ia dizer que “só compra o sal, a pólvora, o chumbo, o ferro e os tecidos finos”.*

Em época de férias, colegiais dos internatos do Rio e de Petrópolis (f60) chegavam à fazenda, e muitas festas eram realizadas, como a de São João, descrita por Lamego (1996).

Ainda segundo os registros familiares, Maria Francisca, uma das filhas de Maria Sabina e Joaquim, casou-se, teve três filhos e enviuvou muito cedo, retornando à Bananeiras para vender a parte que lhe cabia na herança. Após a venda dos 300 alqueires, mudou-se para o Rio de Janeiro adquirindo inúmeros imóveis em Copacabana e Botafogo, permanecendo, porém, com uma parte da fazenda, inclusive a sede.

Segundo consta, era uma mulher muito à frente do seu tempo: frequentava praia, usava maiô, participava de bailes e era muito namoradeira. Após um episódio curioso ocorrido num baile com um rapaz com quem dançava, que disse ser Francisca um nome feio, ela trocou seu nome para Margarida e, com o tempo, toda a família passou a tratá-la carinhosamente como Margô.

Outra filha do casal Fernandes, Agatheodora Fernandes (Gadola), casou-se com Mário Teixeira Bastos, farmacêutico de Itaperuna. Gadola e Mário tiveram cinco filhos: Maria Eunice (que despertou paixões no renomado historiador e geólogo fluminense, Alberto Lamego), Lygia, Petrônio (morto ao nascer), Sarah e Venícius.

Em 1984, a Fazenda Bananeiras, que ocupa atualmente 26 alqueires de terras, foi adquirida por Bruno Bastos Lima Rocha, filho de Sarah Fernandes Bastos e Heitor Lima Rocha, que empreendeu durante oito anos obras de manutenção e de restauração, a fim de aproximar o imóvel o máximo possível da estrutura existente no século XIX. Bruno casou-se com Noemi Laclau D’Albuquerque Câmara Lima Rocha, conhecida por sua extrema sensibilidade e valorização do passado, e a quem se atribui o fato de se ter resgatado o “espírito da Bananeiras”, que é a hospitalidade e o aconchego, tão bem traduzidos por Alberto Ribeiro Lamego, e tão presentes em tempos em que a fidalguia fluminense imperava nos salões de nossos solares.



56



57



58



59



60

Bibliografia:

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*, 2ª edição, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro / Imprensa Oficial do Estado, 1996.

HENRIQUES, Porphirio. *A Terra da Promissão – História de Itaperuna*. Obra póstuma, 1956. Gráfica Editora Aurora Ltda. Rio de Janeiro.

SIQUEIRA, Eduardo. *Resumo Histórico da Leopoldina Railway Company Ltda.*

FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil – Série compacta*, Editora Ática, 1986.

Registros familiares reunidos por Noemí Laclau D'Albuquerque Câmara Lima Rocha.

Fotografias da época pertencem ao acervo da fazenda.